



## INCLUSÃO/ EXCLUSÃO DIGITAL NAS ESCOLAS EM TEMPO DE PANDEMIA

**Thaís Lidiane Monteiro**

Graduação em Pedagogia

Universidade São Francisco – USF/Itatiba-SP

tatalids@gmail.com

**Márcia Aparecida Amador Mascia**

Doutora em Linguística Aplicada

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da

Universidade São Francisco – USF/Itatiba-SP

marciaaam@uol.com.br

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta investigar a inclusão e exclusão digital nas escolas em uma época de distanciamento social forçado, desde março de 2020, na rotina dos alunos na área da educação pela presença de um vírus letal, o Coronavírus (COVID-19), que se espalhou pelo mundo inteiro. O artigo consiste em uma análise de charges com referência à exclusão, apresentando discursos de acontecimentos vividos em uma época pandêmica, as questões que permeiam a sociedade e a política, com a conclusão de que a tecnologia precisa ser explorada por todos, promovendo conhecimento, buscando agilidade de informação e desenvolvimento do ser humano. Aborda as formas de adaptações das Instituições Educacionais, para garantir o ensino para os alunos em período de quarentena, buscando soluções para as dificuldades tecnológicas e a realidade dos estudantes. Contudo, verificamos que existe uma parcela que está excluída do acesso à internet, das tecnologias e, infelizmente, da educação durante a pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exclusão Digital; Pandemia; Desigualdade; Adaptações.

### INTRODUÇÃO

Em março de 2020, foram confirmados os primeiros casos de Covid-19 no Brasil, com a notícia nas telecomunicações sobre o novo vírus que foi descoberto na China no final de 2019, ninguém podia imaginar que poderia se espalhar para o mundo todo, com a necessidade do distanciamento social para diminuir a sua transmissão. As Instituições Educacionais precisaram suspender as aulas presenciais e, dessa forma, a Educação teve que se adaptar a um novo tempo de pandemia, onde os alunos estariam em casa e necessitariam continuar com o ensino à distância. Também, a população mundial teve que mudar rapidamente toda rotina na questão de higiene, da importância do lavar as mãos corretamente, de não ter contato físico, dos locais fechados para não aglomerar pessoas, do uso obrigatório de máscara de proteção, do uso frequente do álcool gel, do cuidado redobrado com o grupo de risco e da campanha para se ficar em casa.



Os desafios foram muitos em tempos de pandemia e, também, a educação teve que se adaptar à nova realidade, buscar soluções do seu contexto escolar para atender todos seus alunos e amenizar a desigualdade, já que na parte de inclusão digital existem muitas pessoas que são excluídas, que não têm acesso a computadores e internet. E com a pandemia, surgiu a urgência de professores e, muitas vezes gestores, se adequarem às tecnologias digitais com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino-aprendizagem.

O uso das tecnologias e a conexão aos meios digitais na atualidade se tornaram elementos imprescindíveis para a vida de todos os cidadãos na sociedade, contudo, muitos não têm acesso nem às tecnologias, nem às conexões, fazendo com que uma parcela da população esteja excluída dos meios mais básicos de vida em sociedade. Em termos educacionais, aqueles que não tiveram acesso à internet, ficaram à margem do conhecimento, ocasionando um retrocesso muito grande educacional. A tecnologia também é democracia, pois pode ser considerada como voz perante à sociedade além da informação.

Em tempos de pandemia, a tecnologia está sendo uma grande aliada na educação, foi a vez da tecnologia mudar a forma de como se aprende e ensina, se antes educava-se os alunos para usar a tecnologia, hoje usa-se a tecnologia para educar os alunos, e assim, se consegue avançar na educação, ampliando o acesso a recursos de qualidades e informações. Isso para uma certa parcela da população. Porém, a tecnologia ainda não substitui o professor, o professor é o mediador do ensino.

Levando em conta o contexto acima, o tema desse artigo é a inclusão/exclusão digital nas escolas em tempo de pandemia, particularmente as dificuldades encontradas pelos alunos, professores. Pode-se dizer que todos que estão vivenciando este momento de educação no Brasil encontram-se nesta divisão de classe social e de desigualdade de acesso, o que expõe a verdadeira realidade que permeia o Brasil na parte tecnológica.

Esse artigo tem como objetivo levantar sentidos veiculados nas redes sociais, sobre a inclusão e exclusão digital; discutir a exclusão dos meios digitais e, conseqüentemente, da educação, acirrada na pandemia.

Pretende-se responder à seguinte pergunta de pesquisa: Como a pandemia evidenciou a dicotomia social e suas conseqüências para a Educação? Partindo-se do pressuposto de que para ter acesso à educação na pandemia, os alunos precisam ter acesso aos meios digitais, incluindo a Internet, tem-se como hipótese que a pandemia evidenciou a dicotomia social no Brasil.



Portanto, este trabalho justifica a vivência de todos nós estudantes, educadores, família, de toda sociedade nesse tempo de pandemia. Também, discutir os impasses do país, dos direitos não adquiridos e com o pensamento já na educação no pós-pandemia, a importância de conhecer os lados e as diferenças sociais, do viver com informação e com qualidade de ensino que é necessária e indispensável para todo cidadão.

O artigo está dividido nas seguintes seções: Pandemia, Educação e Tecnologia; Exclusão Digital, Evidências das diferenças sociais na pandemia; Discussão e Análises; Conclusão e Referências Bibliográficas.

## 1.1 PANDEMIA, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

As mudanças ocorridas no cenário mundial, referente ao novo coronavírus (COVID-19), uma doença que foi classificada como pandemia no dia 11 de março pela Organização Mundial da Saúde (OMS), impuseram novas adaptações para as instituições de ensino no Brasil.

As instituições educacionais tiveram que fazer mais planejamentos e adaptações para dar continuidade aos estudos por meio de modalidades alternativas, enquanto perdurasse o período de isolamento social, levando em consideração a necessidade de manter a educação das crianças, jovens e adultos.

Há também como destacar, que houve a necessidade de assegurar a continuidade da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno em ambiente seguro, minimizando o risco de transmissão entre crianças, professores e outros funcionários dentro das escolas e em ambientes de ensino, desta forma, evitando a aglomeração e reduzindo a transmissão.

O Ministério da Educação define que,

a educação a distância é a modalidade educacional na qual alunos e professores estão separados, física ou temporalmente e, por isso, faz-se necessária a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Essa modalidade é regulada por uma legislação específica e pode ser implantada na educação básica (educação de jovens e adultos, educação profissional técnica de nível médio) e na educação superior (MEC, 2018).

No cenário brasileiro, essa modalidade acontece no formato EAD (Educação a distância), onde o aluno precisa da orientação do professor, computador, acesso à internet e conhecimentos básicos em informática. O ambiente de ensino acontece através dos meios de

R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.



tecnologias de informação e comunicação, de uma forma inovadora, dinâmica e com conteúdos para serem trabalhados. Um ambiente com essas características de educação a distância, lamentavelmente não é realidade no âmbito educacional no Brasil, visto que a falta de recursos destacam a desigualdade e os problemas sociais enfrentados pela população. O ensino EAD só funciona na área privada e no campo da educação do ensino superior. Seria uma solução o uso de tecnologias digitais, mas a realidade do país mostra a dificuldade de acesso, o despreparo e os desafios da rede de ensino.

De acordo com a portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o MEC dispõe a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais enquanto durar a situação de pandemia do COVID-19. Neste aspecto todos os meios tecnológicos como internet, mídias digitais, celulares, smartphones, televisão, são fundamentais neste processo (MEC, 2020).

A partir da pandemia, ficou evidente a divisão da classe social e as consequências são claras, enquanto os alunos das escolas privadas mudaram para o ensino online e seguem ativos e apoiados por uma estrutura de qualidade em casa durante o isolamento social, por outro lado, os estudantes da rede pública sofrem com a precariedade do sistema de ensino à distância, ausência das tecnologias e conexões via internet em suas casas. Nesse sentido, a pandemia evidenciou a dicotomia social no Brasil.

O fechamento das escolas tem impactos profundos na vida de crianças e adolescentes. Com o início da pandemia no Brasil, em março, estima-se que 44 milhões de estudantes ficaram longe das salas de aula. Tendo em vista as diferentes realidades brasileiras, as opções de atividades para a continuidade das aprendizagens em casa não estão se dando de forma igual para todos. Manter as escolas fechadas por muito tempo pode agravar ainda mais as desigualdades de aprendizagem no país, impactando em especial meninas e meninos em situação de vulnerabilidade, explica Florence Bauer, representante do UNICEF no Brasil. (UNICEF, 2020).

A educação no Brasil passou por um sistema de ensino remoto praticamente durante todo o ano letivo de 2020, o que revelou as barreiras das informações e dificuldades dos estudantes em darem continuidade aos estudos, contudo, a escola, nesse desafio de acesso e adaptação, tem buscado novas formas para eliminar as desigualdades de acesso à informação.

Algumas escolas do ensino público escolheram disponibilizar materiais impressos para garantirem a aprendizagem dos alunos sem acesso à internet e aulas via TV aberta. Desse



modo, a instituição escolar passa a valorizar e visualizar a real necessidade de não apenas garantir a educação de todos, mas como também possibilitar a formação de pessoas com maiores dificuldades sociais. Mesmo que a rede pública migre para o ensino online, como é o caso de alguns municípios em São Paulo, as condições de estudo ainda variam em muitas cidades, mensalmente os materiais são disponibilizados pela escola e quando as famílias buscam o kit merenda para alimentação, já retiram e entregam os blocos de atividades propostos, as atividades são pensadas e alinhadas ao currículo do município.

## 1.2 EXCLUSÃO DIGITAL

O acesso à internet é considerado um direito humano fundamental, mas não acontece para uma boa parte da população brasileira, essa desigualdade de acesso à tecnologia digital e conexões da internet são os principais obstáculos enfrentados pelos estudantes no Brasil. Cada dia que passa aumenta mais esse muro da desigualdade, aprofundando a discriminação escolar e a exclusão virtual desses alunos.

É clara a colocação de Bauman sobre a tecnologia sendo fonte de consumo na era da globalização onde a exclusão social é relacionada às novas tecnologias de informações:

A elogiadíssima “interatividade” do novo veículo é um grande exagero; deveriam antes falar num “meio interativo one-way”. Ao contrário do que costumam acreditar os acadêmicos, eles próprios integrantes da nova elite global, a Internet e a Web não são para qualquer um, e é improvável que jamais venham a se abrir para o uso universal. (BAUMAN, 1999, p. 60).

A população desprovida de informação acaba sendo excluída por uma classe elitizada que consome e tem acesso às tecnologias. Os avanços tecnológicos aproximam os acontecimentos ocorridos pelo mundo, a informação chega mais rápida e esse acesso na atualidade é uma condição básica, pois ajuda a melhorar a condição do indivíduo em várias áreas da vida e do trabalho.

Logo, segundo Bauman (1999) o sentimento que predomina na sociedade modernamente líquida ou pós-moderna são: a insegurança e a instabilidade, o vazio nas relações e o medo. A globalização é um problema que intensifica as desigualdades sociais e que também fortalece as relações do processo globalizador.





Ficaram em evidências nesse período de quarentena, a exclusão digital e as significações das tecnologias para a sociedade, o isolamento social causado pelo coronavírus trouxe também muitas mudanças principalmente no cenário educacional. Hoje já se reconhece que os recursos tecnológicos são necessários e precisam fazer parte cada vez mais do cotidiano escolar, visando que o único acesso que o aluno tem é dentro das escolas.

Porém no Brasil, ainda existe a falta de conectividade na sociedade, áreas sem cobertura de sinal, o acesso a recursos tecnológicos entre classes sociais e as dificuldades pedagógicas.

A cibercultura vem promovendo novas possibilidades de socialização e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço e, no caso específico da educação, pelos ambientes virtuais de aprendizagem. A cibercultura é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais. Não é uma utopia, é o presente; vivemos a cibercultura, seja como autores e atores incluídos no acesso e uso criativo das tics, seja como excluídos digitais. A exclusão digital é um novo segmento da exclusão social mais ampla. Um desafio político! (SANTOS, 2019, p. 62).

A inclusão digital é essencial no desenvolvimento da nação, possibilita o conhecimento e a participação da sociedade, é impossível imaginar que em pleno século XXI, não se forme alunos com conhecimentos na área da informática.

O aluno precisa viver essa experiência para ter no mínimo um pouco de informação que é de seu direito. Uma vez que a perspectiva do sujeito se desenvolve a partir da vivência de experiências, ao estabelecer relações com o meio sociocultural do qual faz parte, apropriando-se de conceitos, valores, ideias e comportamentos.

Vygotsky (2004) nos diz que a experiência pessoal do educando é a base do processo pedagógico, que “a educação se faz através da própria experiência do aluno, a qual é inteiramente determinada pelo meio, e nesse processo o papel do mestre consiste em organizar e regular o meio” (2004, p. 67).

A discussão acerca da exclusão digital e os desafios da sociedade para quebrar esses paradigmas fazem da utilização das tecnologias como aliadas em sala de aula e fora dela. A tecnologia permite maior informação, recursos, tornando o processo educativo com maior qualidade e favorecendo o processo de ensino aprendizagem na educação.



Portanto, a tecnologia no ensino fornece para alunos e professores, uma nova forma de ensinar e aprender, integrando valores, competências e experiências nas atividades educacionais.

## 1.3 EVIDÊNCIAS DAS DIFERENÇAS SOCIAIS NA PANDEMIA

No decorrer da pandemia, ficaram nítidas as diferenças sociais, os desafios da educação, dos professores, dos gestores, das famílias, das dificuldades de acesso à internet dos estudantes, indígenas, moradores do campo, da periferia, das adaptações das turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos), da Educação Especial e de todos que permeiam esse processo de ensino e aprendizagem. Estamos vivenciando um momento histórico por conta do Coronavírus, ainda não dá para prever quando a pandemia vai acabar, pois essa doença é altamente contagiosa e ainda não há vacina para o seu tratamento final.

Fica cada vez mais clara a imensa desigualdade social escancarada nessa época e os impasses que já existiam nas estruturas da nossa sociedade, da educação e da economia. Assim como reflete o escritor e jornalista Eduardo Galeano em 1999, sobre a situação da realidade brasileira.

Não há no mundo nenhum país tão desigual como o Brasil, e alguns analistas já estão falando na brasilização do planeta para traçar um retrato do mundo que está chegando. E ao dizer brasilização eles não se referem, por certo, à difusão internacional do futebol alegre, do carnaval espetacular e da música que desperta os mortos, maravilhas através das quais o Brasil resplandece a grande altura, mas à imposição, em escala universal, de um modelo de sociedade fundamentado na injustiça social e na discriminação racial. (GALEANO, 1999, p.30).

O país continua sendo desigual desde a época da colonização e hoje em escolhas feitas pelos que estão no poder, a população brasileira vive neste respaldo político eterno de desvalorização do cidadão.

O acesso à internet é só um dos problemas que o Estado ainda deixa no papel, e só será solucionado quando conseguirem oferecer uma melhor infraestrutura, cuidando também da parte da formação de professores, dos recursos tecnológicos para as instituições e suporte aos estudantes.



Brasil ainda tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, entre 9 e 17 anos, não têm acesso à internet em casa, 58% dos jovens acessam à internet exclusivamente pelo celular, dificultando, por exemplo, a continuidade das atividades de ensino e aprendizagem a distância durante a pandemia. (Fonte: Pesquisa TIC Kids Online Brasil, 2020).

Esse momento Pandêmico trouxe para todos e principalmente para os professores consciência do papel deles na sociedade, do modo de produção capitalista desigual, profundamente injusta, e as famílias entenderam pelo seu cotidiano que não podem sobreviver sem esse profissional, assim como os profissionais da saúde. Os professores também protegiam socialmente os estudantes, pois era mais fácil perceber antes da pandemia, quando algum aluno apresentava sinais de violência no seu desenvolvimento, mediando juntamente com a instituição de ensino as possíveis intervenções.

A educação e as rotinas dos seres humanos não vão ser mais normais, mesmo quando todos estiverem vacinados, vamos ter um caminho para percorrer para se aprofundar em todas essas situações evidenciadas e também mudar esse ensino tradicional que ainda vivemos no século XXI, para um ensino com recursos tecnológicos, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem, promovendo desta forma, uma educação mais estimuladora.

A educação já passava por uma crise há muito tempo e que hoje está mais evidente aos olhos de todos. Sobre o futuro da educação é evidente que não dá para saber o que vem pela frente, mas para ter esse futuro precisa da parceria dos alunos, professores, gestores, colaboradores, famílias, toda comunidade escolar, para assim dizer que tipo de escola queremos. O Estado não ouve os alunos, nem os professores, gestores e famílias, precisa da resistência de todos para criar o projeto da escola, uma escola de qualidade comum para todos.

## **2 METODOLOGIA**

Do ponto de vista metodológico, este artigo irá analisar charges encontradas na Internet sobre a desigualdade social na pandemia, tendo como foco a educação. Ao analisarmos uma charge, podemos perceber nos seus recursos de desenho ou discursos verbais, algum tipo de crítica a diversas situações do cotidiano e da sociedade.

## **3 DISCUSSÃO/ ANÁLISE**





O isolamento social provocado pelo coronavírus tem deixado o mundo mais conectado à internet, as pessoas voltaram ainda mais suas atenções para o mundo digital, os dispositivos tecnológicos são usados com mais frequência para socializar, comprar, trabalhar, estudar e aprender e estar sempre informado durante a pandemia.

Considerando relevante o uso das tecnologias no momento presente, realizei algumas buscas, no sentido de levantar algumas representações do povo brasileiro em forma de charges, realizadas por alguns cartunistas e caracterizando como forma de corpus de análise de pesquisa neste artigo.

Cada vez mais as charges ganham vida nos espaços virtuais e o conceito das charges é satirizar um acontecimento atual, para que se torne um tanto cômico, como ao mesmo tempo pode se caricaturar ou usar tirinhas de histórias em quadrinhos para zombar de algum determinado assunto sendo ele: político, social, econômico, cultural ou tudo que possa ser relacionado a uma sociedade. As charges mostram algumas realidades em forma de humor e pensamento, hoje em dia elas são publicadas especialmente nos meios digitais, são espalhadas em plataformas e visualizadas por milhares de pessoas, já que o acesso é rápido e pode ser encaminhada facilmente.



Charge de autoria do cartunista Ivan Cabral

Uma sátira na rede social, para entender como funciona os aplicativos, Facebook, Instagram, entre outros, referenciando nesta charge a uma parcela de pessoas, onde elas estão



na rede e todos estão deitados nela, ou seja, ainda existe falta de informação sobre esses recursos digitais.

A rede que não é rede de computadores é uma rede de balanço, uma charge representando a rede social, que faz um jogo de sentidos diferente das palavras e um sentido metafórico. De um lado temos uma rede social onde muitas pessoas estão juntas se comunicando digitalmente e uma rede de balanço remendada, um casal com oito filhos, num sentido de pobreza e exclusão totalmente.



Charge de autoria do cartunista Nando Motta

Os moradores de rua e a desvalorização do ser humano, referenciando à desigualdade no dia a dia com o uso das tecnologias. E a pergunta dessa charge que se baseia no dilema mais ouvido no decorrer da pandemia, o tal “E aí, já baixou o aplicativo?”, para pedir comida, para fazer compras, pedir um motorista de Uber, para acessar informações, ou seja, para tudo, hoje se faz muitas coisas com um simples aplicativo.

Podemos notar os moradores ou pedintes de rua nesta charge, com pratos ou talvez chapéus pedindo comida, cinco pessoas e um bebê, sentados no papelão e com o contraste dessa vida com os aplicativos mais usados na atualidade, excluídos mais ainda nessa pandemia.



Charge de autoria do cartunista Fraga

Uma casa sem infraestrutura, totalmente precária, um menino tentando obter um sinal de internet e os livros e cadernos ao lado dele, referenciando a exclusão digital nas camadas sociais.

O ensino a distância que acaba sendo bem distante na realidade das comunidades periféricas.



Charge de autoria do cartunista Brum

A charge retrata bem a lamentável situação dos excluídos, em um determinado morro apresentado por vários casebres, um em cima do outro, representando uma população desprovida de qualidade na sua moradia e na falta de acessos aos meios mais básicos da vida de um ser humano. Podemos observar também no horizonte da charge, a silhueta de casas que estão uma ao lado da outra, fazendo uma comparação com as casas do morro, é cada vez mais comum o surgimento e ampliação de favelas desprovidas de serviços públicos.



Nesta charge acontece um diálogo entre o filho e sua mãe, onde ele pergunta para mãe o que é a educação a distância e a mãe responde que fica bem distante da realidade deles. O que ocorre ainda em pleno ano 2021, as cidades brasileiras ainda enfrentam diversos problemas de moradia, desemprego, desigualdade social, saúde, educação, violência e exclusão social.

Enquanto para os alunos de escolas particulares, onde as aulas remotas permitem a continuidade dos estudos, para muitos outros estudantes de escolas públicas, o EAD representa o não acesso à educação, ou não têm acesso à internet ou se têm, o acesso é fraco ou limitado, seja pela conectividade do seu local ou pela falta ou baixa de qualidade dos equipamentos.

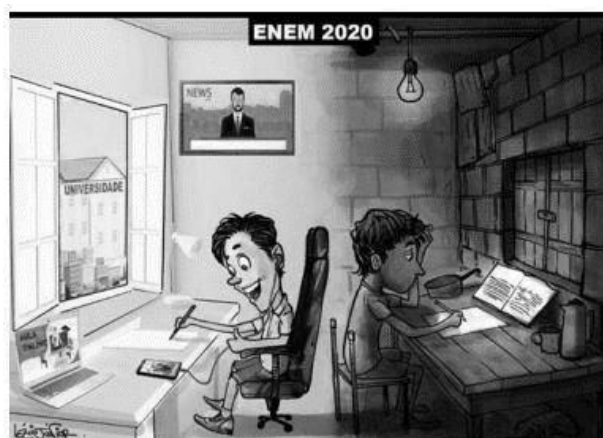


Mafalda - Tirinha do cartunista Quino

A charge utilizada, como exemplo, destaca a subjetividade dos alunos afetados por uma época pandêmica, referenciando a corrida para o fechamento das escolas, do ensino realizado a distância e o pensamento no pós-pandemia.

Referenciando também nesta charge ao mês de março, onde se iniciou a pandemia no Brasil e as adaptações na área da Educação, e o pensamento de como ficará a educação depois da pandemia, como foi atingindo o desenvolvimento desses alunos e como será quando retomarmos ao normal.





Charge de autoria do cartunista Lézio Júnior

As grandes diferenças sociais dos estudantes brasileiros durante a pandemia do coronavírus, nesta charge podemos observar as desigualdades enfrentadas pelos alunos, de um lado a falta de recursos, de acessos à internet, à qualidade de iluminação do lugar, estudando ao lado de uma panela, provavelmente uma cozinha mal iluminada, com janelas de madeira e do outro lado um aluno no conforto de um apartamento bem iluminado, com janelas que estão de frente para uma universidade, com computador, telefone, cadeira gamer, Tv e as tecnologias de informações ao seu redor.

Com base no título em questão “Enem 2020”, nota-se que durante o distanciamento social, a maioria das instituições educacionais públicas ficaram sem aula, aumentando a desigualdade na hora de fazer o exame do Enem, muitos alunos reivindicaram o adiamento das provas aplicadas para não sofrerem com a desigualdade e das oportunidades oferecidas para todos.





Charge de autoria do cartunista Humberto Araújo

Nesta imagem, podemos notar que a desigualdade social aparenta ser de forma intencional, separando as classes e criando uma distância entre o pobre e o rico. A desigualdade social é um projeto permanente para a manutenção de poderes e privilégios.

Temos o mapa do Brasil cravado no subsolo, à direita da imagem, temos prédios de alto luxo, com heliponto, arborizados e do outro lado casebres com o solo quebrado, o que materializa a pobreza e a riqueza, e um Brasil enterrado embaixo da terra.

A exclusão digital evita que as pessoas participem dos benefícios das tecnologias de informação. É o novo analfabetismo do século pandêmico, devido à necessidade de estar conectado à atualidade. A internet inacessível reflete as situações de total carência, já que a tecnologia não consegue ter voz nesta parte da sociedade.

A tecnologia é essencial em nossas vidas, ela muda constantemente e já mudou a forma das nossas rotinas, como produzimos, como consumimos, interagimos, até mesmo como exercemos a nossa cidadania. A tecnologia veio para facilitar as diversas áreas de trabalho, para serem exploradas por todos, promove o conhecimento, busca a agilidade e o desenvolvimento. Acredito que não dá para viver sem tecnologia, você consegue ficar sem assistir um jornal ou sem se comunicar com alguém (TV ou celular)?



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia só acirrou a desigualdade, tornando evidente que a educação já caminhava com muita dificuldade nesta parte tecnológica, com o despreparo das instituições, dos educadores, da falta das TIC's (Tecnologias da informação e comunicação) em sala de aula e da exclusão digital.

A análise das charges realizadas neste artigo teve como objetivo influenciar e estabelecer uma opinião crítica a respeito da inclusão/exclusão digital nas escolas em tempo de pandemia. E os seus resultados tiveram um propósito de contribuir e também esclarecer, que com a pandemia não ficaram apenas acentuados os aspectos ruins do sistema de educação no Brasil, ela também revelou o que realmente é essencial para um ensino de qualidade.

É possível perceber que muitas coisas precisam ser mudadas para transformar o ensino e aprendizagem do século XXI, no Brasil. Precisamos reconhecer a real importância das ferramentas digitais, para obter uma educação acessível e de qualidade para todos.

A educação nesse cenário de cibercultura relembra o princípio freireano, de que educar não pode se resumir praticamente à transmissão de conteúdos.

A sociedade continua despreparada, e a informação e a tecnologia andam juntas, precisamos que a sociedade se mobilize para usar a tecnologia como recurso principal na educação, obtendo assim, uma educação de qualidade, preparando cidadãos para a vida e garantindo o aprendizado ao longo da sua existência.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Globalização: as consequências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.60.

BRASIL. Portaria MEC. Disponibiliza a educação a distância como uma modalidade educacional. 2018.

BRASIL. Portaria MEC nº 544/2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jun. 2020.

CETIC.BR. Tic Kids Online Brasil. Crianças e adolescentes conectados ajudam os pais a usar a Internet, revela TIC Kids. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/noticia/criancas-e>

R. Educ. Tecnol., Curitiba, n. 21, 2021. ISSN impresso 1516-280X e ISSN eletrônico 2179-6122.



adolescentes-conectados-ajudam-os-pais-a-usar-a-internet-revela-tic-kids-online-brasil/>  
Acesso em: 12 out. 2020.

CHARGES. Disponível em: <<https://www.chargeonline.com.br/>> Acesso em: 02 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. De Pernas pro Ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999. p.30.

SANTOS, Edméa. Pesquisa-formação na cibercultura Teresina: EDUFPI, 2019. p.62.

UNICEF; UNESCO; OPAS/OMS. Reabertura segura das escolas deve ser prioridade. Disponível em:<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6283:reabertura-segura-das-escolas-deve-ser-prioridade-alertam-unicef-unesco-e-opas-oms&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6283:reabertura-segura-das-escolas-deve-ser-prioridade-alertam-unicef-unesco-e-opas-oms&Itemid=812)> Acesso em: 30 set. 2020.

VYGOTSKY, L. S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.67.

## ABSTRACT

This article aims to investigate digital inclusion and exclusion in schools at a time of forced social detachment, since March 2020, in the routine of students in the area of education due to the presence of a lethal virus, the Coronavirus (COVID-19), that has spread all over the world. The article consists of an analysis of cartoons with reference to exclusion, presenting speeches of events lived in a pandemic era, the issues that permeate society and politics, with the conclusion that technology needs to be explored by all, promoting knowledge, seeking agility of information and human development. It addresses the forms of adaptations of Educational Institutions, to ensure teaching for students in quarantine, seeking solutions to technological difficulties and the reality of students. However, we find that there is a part that is excluded from access to the internet, technologies and, unfortunately, education during the pandemic.

**KEYWORDS:** Digital Exclusion; Pandemic; Inequality; Adaptations.

Data de submissão: 2020

Data de aceite: 2021